

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

CERÂMICA NA ESCOLA
criação de material didático digital

IGOR FELIPE ASSIS

GOIÁS

2021



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: *Igor Felipe Assis*

Matrícula: *20161100080038*

Título do Trabalho: *Cerâmica na Escola criação de material didático digital*

Autorização - Marque uma das opções

- ☒ (x) Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
- ☐ () Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
- ☐ () Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ () O documento está sujeito a registro de patente.
☐ () O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ () Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Goiás, 19/02/21.
Local Data

Igor Felipe Assis
Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

IGOR FELIPE ASSIS

CERÂMICA NA ESCOLA
criação de material didático digital

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Campus Cidade de Goiás, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciado em Artes Visuais.

Orientador/a: Prof. Ma. Flora Alves Ruiz
Coorientador: Dr. Flávio Gomes

GOIÁS

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
Goiás – Campus Cidade de Goiás

707

A848c

Assis, Igor Felipe.

Cerâmica na escola: criação de material didático digital / Igor Felipe Assis ; orientadora, Flora Alves Ruiz; coorientador, Flávio Gomes – Cidade de Goiás, 2021.

90 f.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Cidade de Goiás, Departamento de Áreas Acadêmicas, Curso de Licenciatura em Artes Visuais.

1. Cerâmica. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Saberes populares. I. Ruiz, Flora Alves, orientadora. II. Gomes, Flávio, coorientador. III. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. IV. Título.



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS

TERMO DE APROVAÇÃO

IGOR FELIPE ASSIS

CERÂMICA NA ESCOLA: CRIAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DIGITAL

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Cidade de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de LICENCIADO EM ARTES VISUAIS e desenvolvido na linha de pesquisa Educação, escola e ensino de arte, sob orientação da Profa. Ma. Flora Alves Ruiz e coorientação do Prof. Dr. Flávio Gomes de Oliveira.

Aprovado em 09 de fevereiro de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

(assinado eletronicamente)

Profa. Ma. Flora Alves Ruiz (Presidente - orientador)

(assinado eletronicamente)

Prof. Dr. Flávio Gomes de Oliveira (coorientador)

(assinado eletronicamente)

Profa. Ma. Naira Rosana Dias da Silva (Membro Interno)

(assinado eletronicamente)

Profa. Ma. Rosirene Rodrigues dos Santos (Membro Interno)

Documento assinado eletronicamente por:

- Flávio Gomes de Oliveira, FLÁVIO GOMES DE OLIVEIRA - 332105 - PROFESSOR ASSISTENTE DE REGÊNCIA DE CLASSE - UFG (01567601000143), em 11/02/2021 19:03:39.
- Rosirene Rodrigues dos Santos, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 10/02/2021 18:21:21.
- Naira Rosana Dias da Silva, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 10/02/2021 17:30:01.
- Flora Alves Ruiz, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 10/02/2021 17:15:20.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 20/01/2021. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 123974

Código de Autenticação: a8db3d7099



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Rua 02, Quadra 10, Lote 01 a 15, Residencial Bauman, Centro, CIDADE DE GOIÁS / GO, CEP 76600-000
(62) 3371-9026 (ramal: 9026)

Dedico esse trabalho a minha mãe Derci Felipe a qual me deu apoio não só financeiro, mas também emocional durante todos os anos de curso sempre me motivando e que também esteve no processo de criação do manual didático digital tendo um papel importante no desenvolvimento. Agradeço também a fotografa e amiga Patrícia Mousinho a qual além do apoio me auxiliou no processo de registro fotográfico do material.

AGRADECIMENTOS

Aos professores que estão e aos que já passaram pela Instituição e que não estão presentes na universidade, mas que carrego como grandes amigos trago meu total agradecimento por tudo, desde todo o ensinamento acadêmico como também aos ensinamentos de vida, que me ajudaram a crescer como pessoa.

“Dedique aos estudos, pois
podem te roubar tudo menos o
seu conhecimento.”
- Dona Francisca

RESUMO

O espaço educacional necessita de meios para despertar o interesse e o encantamento do estudante para o conhecimento. A sociedade atual vive em um mundo imagético com atividades inovadoras nas mídias sociais que atraem jovens e adolescentes para a magia da era digital. Essa aceleração provoca a necessidade de atualização de materiais pedagógicos digitais, inovadores, lúdicos e dinâmicos. Identificando essa necessidade decidiu-se realizar uma pesquisa que teve como foco disponibilizar aos educadores e estudantes material de pesquisa e manual didático digital específico, adequado aos ambientes de aprendizagem e simplificado sobre a modelagem em argila, suas técnicas, influências culturais e produção cerâmica. Conclui-se, portanto, que o trabalho apresentado poderá auxiliar na carência de material didático na área e possibilite o despertar o estudante para o conhecimento, podendo assim enriquecer as práticas educacionais conectadas com a cultura dos saberes sociais e com as inovações tecnológicas digitais. Portanto esse material tem relevância como pesquisa educacional, social, histórica e cultural para futuros pesquisadores, educadores e estudantes.

Palavras-chave: Cerâmica, Educação, Ensino-aprendizagem, Cultura, Saberes populares.

ABSTRACT

Educational environment needs means to awaken the student's interest and enchantment for knowledge. Today's society lives in an imagetic world with innovative activities on social media that attract young people and teenagers to the magic of the digital age. This acceleration causes the need to update digital, innovative, playful, and dynamic teaching materials. Identifying this need, it was decided to carry out a research that focused on providing educators and students with specific research material and digital didactic manual, suitable for learning environments and simplified on clay modelling, its techniques, cultural influences, and ceramic production. It is concluded, therefore, that the present work may help in the lack of didactic material in the area and enable the student to awaken to knowledge, thus being able to enrich educational practices connected with the culture of social knowledge, digital and technological innovations. Therefore, this material is relevant as educational, social, historical, and cultural research for future researchers, educators, and students.

Keywords: Ceramic, Education, teaching-learning, Culture, Popular Knowledge.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fotografia 1 para produção do manual pedagógico digital.	18
Figura 2 – Fotografia 2 para produção do manual pedagógico digital.	19
Figura 3 – Fotografia 3 para produção do manual pedagógico digital	20
Figura 4 – Fotografia 4 para produção do manual pedagógico digital	21
Figura 5 Artesã Xica fazendo um utensílio de barro em sua casa nos anos 80.....	24
Figura 6 Frei Marcos Lacerda na loja da Associação de Artesãos de Goiás, anos 80.....	24
Figura 7 Artesã Dona Francisca (minha avó) com a peça que mas fazia na época, potes. ...	25
Figura 8 Eu e minha irmã no pátio da Igreja do Rosario em um momento de aprendizagem na Associação dos Artesãos de Goiás	26
Figura 9 - Reunião dos associados no pátio da Igreja do Rosário em Goiás.	27
Figura 10 - Transporte da Produção cerâmica da associação.	28
Figura 11 - Loja da Associação de Artesãos de Goiás.....	29
Figura 12 – Oficina de Biojoia em cerâmica ofertada aos estudantes da Escola Pluricultural Odé Kayodê.....	31
Figura 13 - Estudantes do colégio Lyceu de Goyaz no projeto Cor de Pele.	34
Figura 14 - Produção dos estudantes do Colégio Lyceu de Goyaz para o projeto Cor de Pele	35
Figura 15 - Aula ministrada no componente curricular: Laboratório de Biojóias realizada no curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Artesanato, na modalidade Educação de Jovens e Adultos - EJA	37
Figura 16 – Oficina de Biojoia em cerâmica ofertada aos estudantes do IFG Campus cidade de Goiás, cursos, Licenciatura em Artes Visuais e Técnico Integrado ao Ensino Médio em Artesanato, na modalidade Educação de Jovens e Adultos - EJA	38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	10
1.1.1 Encantar para modelar	12
1.1.2 Caminhos trilhados pela pesquisa	14
2.1 Saindo do pote	22
2. 2 Relatos experiência de ensino.....	29
2.3 História da cerâmica.....	39
3. ENSINO DE ARTE NO BRASIL	41
4 MATERIAL E SUA IMPORTANCIA NA EDUCAÇÃO	46
4.1 Saberes culturais	46
4. 2 Falta de materiais de artes em sala de aula.....	47
4.3 Como esse material irá ajudar	48
5 - CONCLUSÃO.....	51
6. REFERÊNCIAS.....	53
7. APÊNDICE	55

1. INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Esta proposta traz como tema dois pontos principais: material de pesquisa sobre a produção cerâmica com ênfase no desenvolvimento desse trabalho na Associação de Artesãos que produz há mais de 40 anos, cerâmica de tradição na Cidade de Goiás, Estado de Goiás, Brasil e, manual técnico sobre o ensino/aprendizagem em cerâmica direcionado aos estudantes. O material pedagógico para o ensino da produção cerâmica em sala de aula, pode tanto ser aplicado como material didático para o componente curricular artes, como também para outros componentes curriculares, promovendo, assim, atividades interdisciplinares, sendo então, uma rica fonte de pesquisa para o desenvolvimento de atividades envolvendo o aprendizado em artes. O educador poderá se utilizar dele como uma ferramenta de trabalho em favor do ensino/aprendizagem na área, tanto como material de pesquisa no momento da elaboração de uma aula como na sua própria execução.

O segundo ponto conduz à elaboração de um manual didático específico, com técnicas que lidam com a produção cerâmica para ser trabalhada em instituições educacionais ou outros espaços de ensino/aprendizagem. O manual esclarece as técnicas para a modelagem em argila, identifica ferramentas e utensílios que podem ser utilizados e mostra, de forma didática, como se utiliza a argila para produção da cerâmica em suas mais variadas formas, facilitando assim, a maneira de ensinar para o profissional da educação, bem como o aprendizado e aplicação das técnicas apresentadas, com um fim específico de acordo com a produção que se pretende desenvolver. O Manual estará disponibilizado tanto no formato impresso como acesso em plataformas digitais, com o intuito de deixá-lo ao alcance da maior quantidade de público possível.

A argila, material básico para a produção cerâmica, como matéria prima, é de

fácil acesso tanto no município de Goiás-GO, como em outras regiões do Brasil, além de poder ser coletada diretamente do solo em diversas regiões, é um material básico e de baixo custo nos grandes centros, onde a coleta direta não é mais possível.

Portanto, pode ser utilizada como recurso didático/pedagógico com mais frequência nos ambientes de ensino. O material didático, aqui apresentado, possibilitará aos docentes interessados, trazer o conhecimento da produção cerâmica para esses espaços de ensino-aprendizagem como uma forma de inserção dessas técnicas e desenvolvimento das habilidades motoras finas dos estudantes. As atividades que desenvolvem habilidades motoras finas envolvem pequenos grupos musculares do corpo humano, envolvendo a sincronização de mãos e dedos com os olhos. Portanto desenvolvem a capacidade de usarmos as mãos e dedos para alcançar, agarrar e manipular objetos. Incluem a precisão, força, coordenação dos olhos e mãos, coordenação motora bilateral do cérebro e o uso de ferramentas. Quando estimulamos essas habilidades facilitamos o processo de escrever, colorir, recortar, usar os talheres, manusear os botões, zíper e cadarço, abrir e fechar os botões da roupa, além de tantas outras tarefas que realizamos todos os dias sem nem perceber. Consequentemente, muito importantes de serem desenvolvidas tanto na primeira e segunda infância, como na terceira idade, quando o ser humano perde parte dessas habilidades.

É importante lembrar que o enriquecimento das atividades, com utilização desse material didático em espaços de ensino/aprendizagem, pode trazer, acréscimo de conhecimento das técnicas que se pretendem trabalhar, o encantamento dos envolvidos pela produção cerâmica e a capacidade de produção de objetos artísticos baseados na transformação da argila em cerâmica. Além disso, tanto a argila, matéria-prima escolhida, como a produção cerâmica, trazem intrínsecos valores históricos e socioculturais locais de extrema importância para a manutenção da memória histórica/cultural desses povos e seus saberes. Sendo assim, o trabalho apresentado é de grande importância como material de pesquisa educacional, social, histórico e cultural para futuros pesquisadores, educadores e estudantes.

1.1.1 Encantar para modelar

Trazer técnicas práticas para dentro do espaço educacional pode ser um meio de despertar o interesse do estudante através da curiosidade sobre como funciona todo aquele processo de criação, além do encantamento devido a transformação física e química de um material simples e maleável como a argila em uma peça artística em cerâmica. Identificando a necessidade de materiais didáticos específicos e simplificados sobre a modelagem em argila, a produção cerâmica, e a história da produção cerâmica da Associação de Artesãos da cidade de Goiás; verificando também a escassez desses materiais no meio educacional de maneira geral, decidimos pela produção de um manual sobre o ensino das técnicas e a produção de um material de apoio que pudesse auxiliar o ensino/aprendizagem que esteja à disposição do público alvo, estudantes e professores da área. Sendo assim, esse trabalho foca na importância de se utilizar de um material disponibilizado pela natureza para auxiliar no processo ensino/aprendizagem, além de defender sua funcionalidade como apoio didático ao professor.

Consequentemente, a falta de materiais didático instrutivos e específicos no meio artístico/educacional com foco no ensino/aprendizagem no ambiente escolar me levou ao desejo de aprofundar mais a pesquisa sobre como produzir esse material de forma didática e simplificada e que, apesar disso, contenha o máximo de informações socioculturais, históricas e técnicas possíveis para que possa ficar claro o passo a passo das possibilidades aplicadas à produção cerâmica.

O trabalho foi desenvolvido com base na linha de pesquisa *Educação, escola e ensino de arte*. Após estar em campo nos estágios e em atividades em outros ambientes de ensino/aprendizagem, pude observar a falta de materiais didáticos que demonstrem, de forma didática, como usar técnicas de modelagem e produções artísticas na área. Sendo Goiás uma cidade que tem a produção cerâmica como tradição, possuindo a presença de muitos mestres artesãos, essa produção é feita em grande quantidade, com baixo custo e por ser, a argila, o material que utilizo no meu dia a dia para o trabalho, ressalto, neste trabalho, a importância desse material didático produzido como resultado de uma pesquisa que, adaptou as técnicas para possibilitar sua utilização em espaços de ensino/aprendizagem.

Ao mesmo tempo que o trabalho instiga a relevância da utilização desse material e suas técnicas, sua ausência em espaços de ensino/aprendizagem, também traz todo um resultado de uma pesquisa de técnicas e procedimentos que podem ser utilizados na produção cerâmica em atividades planejadas.

O manual didático digital, resultado da pesquisa, é disponibilizado como ferramenta para professores que trabalhem em ambientes de ensino/aprendizagem e até mesmo para qualquer pessoa que tenha o interesse em dar início à prática do trabalho com a produção cerâmica. Tendo em vista a importância que será trabalhar com esse material e além de tudo que já foi dito até o momento, incluo de forma mais específica os objetivos dele.

1.1.2 Caminhos trilhados pela pesquisa

A pesquisa veio dos estudos com o foco na importância da utilização do material. Dessa forma, esse trabalho se encaixa em uma pesquisa qualitativa etnográfica aplicada à educação, uma vez que trazemos a falta de um material no espaço educacional, refletindo sua importância no mesmo, e colocando a produção desse material como solução de parte da falta, considerando que, para suprir a falta total desse material para este fim, seria necessário material das mais diversas técnicas do campo das artes. Agrega, também, no processo de pesquisa, a reunião de experimentações de conhecimento empírico que adentra a criação de adaptações de técnicas de modelagem da cerâmica e ferramentas para a realidade escolar.

Portanto após as pesquisas das técnicas da modelagem onde foram testados alguns materiais e ferramentas consegui separar os que são de fácil acesso e baixo custo para que possam ser utilizados no ambiente escolar, e nesse contexto de acessibilidade focando na realidade precária do ensino público de nosso país. Foi criado um acervo fotográfico digital que ilustra o passo a passo de cada técnica escolhida, o auxílio da fotografa Patrícia Mousinho na captura de ângulos mais fechados foi de suma importância para um resultado mais apurado do material. Todos os processos fotografados foram realizados pela artesã Derci Felipe a qual gentilmente se disponibilizou para participar dessa pesquisa de forma voluntária se dedicando e sempre com muita paciência para realizar cada etapa de cada processo que fosse preciso.

A paginação do material didático digital final foi feita com muito cuidado para ser simples e resumido contendo explicação de cada processo de forma direta e coesa contendo fotografia de cada etapa podendo assim ser de fácil entendimento para quem o manuseia.

A Metodologia utilizada para alcançar os objetivos propostos foi a pesquisa qualitativa com realização de pesquisa documental e de campo sobre a produção cerâmica e sua inserção no ensino de arte, análise e revisão da literatura selecionada. Além disso, foi utilizado o método autobiográfico, isto é, o autor não só faz uma pesquisa na área teórica, mas atua diretamente na área, dessa maneira, a experiência do autor, influenciou diretamente nos métodos utilizados e o resultado do trabalho, por

meio da dialética da visão intersubjetiva, a relação do autor com o objeto pesquisado. Este novo método considera as narrativas próprias suficientes para compor uma pesquisa legítima. Como podemos observar na análise que SANTOS e GARMS, fazem da obra de Ferrarotti um dos autores mais conhecidos na consolidação dessa metodologia:

Ferrarotti (2010)¹ é um dos investigadores que reivindica a autonomia do método biográfico, ou seja, considera as narrativas biográficas como suficientes para compor uma pesquisa legítima e aponta para a necessidade de uma renovação metodológica. As críticas à objetividade que caracterizaram as metodologias positivistas fizeram emergir uma metodologia alternativa: o método biográfico. As grandes explicações estruturais, construídas a partir de categorias muito gerais, não satisfaziam nem aos pesquisadores nem aos sujeitos pesquisados. Nesse sentido, o uso da biografia responde a dupla exigência. Primeiro, a necessidade de uma renovação metodológica provocada pela crise dos instrumentos heurísticos da Sociologia. As técnicas, embora cada vez mais sofisticadas, não correspondiam a nenhum crescimento real do conhecimento sociológico, daí a valorização crescente do método biográfico. Em segundo lugar, o método biográfico correspondeu à exigência de uma nova metodologia diante do “capitalismo avançado”, isto é, uma metodologia que respondesse à necessidade do concreto, para que as pessoas pudessem compreender sua vida cotidiana, suas dificuldades e contradições. Desse modo, o método biográfico foi concebido como a ciência das mediações capaz de traduzir comportamentos individuais ou microsociais.²

O trabalho está dividido em seis capítulos e um apêndice, no primeiro encontra-se a apresentação da pesquisa, esse capítulo está dividido em duas partes, na primeira intitulada Encantar para modelar, falamos sobre o quanto a prática da modelagem em argila para a produção cerâmica pode atrair a curiosidade e o prazer dos estudantes quando utilizada como prática pedagógica no ambiente educacional. Na segunda, intitulada Caminhos trilhados pela pesquisa, detalhamos a metodologia utilizada em cada etapa desse trabalho trazendo Ferrarotti (2010). Sobre a autonomia

¹ FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, M. (Orgs). O método (auto) biográfico e a formação. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010

² SANTOS, Hellen Thaís Dos, GARMS, Gilza Maria Zauhy. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. II Congresso Nacional de Formação de Professores XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores. Acesso em 10/01/2021. http://200.145.6.217/proceedings_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/364.pdf

do método biográfico o qual mostra de forma mais clara explicações sobre os métodos bibliográficos. O segundo capítulo, chamado de O processo de criação, introduzimos com a obra de Guimaraes, 2017, explicando os processos da argila, o capítulo está dividido em três partes, a primeira com o título: Saindo do pote, relata a experiência do autor e sua relação com a produção cerâmica de outros artesãos da área, com as quais está envolvido, desde sua infância; e a segunda, Relatos de experiências de ensino, continua relatando suas experiências com a prática da modelagem em argila e da produção cerâmica, mas dessa vez, na função de estudante universitário e estagiário do curso de Licenciatura em Artes Visuais. A interdisciplinaridade do uso da cerâmica é afirmado ainda com Guimaraes, 2017, a fala da direção do colégio para situar o alcance geográfico da escola na cidade e seu entorno, e a importância do diálogo no espaço de ensino que é afirmado por FREIRE, 1989, p. 91.

Já a terceira parte traz um apanhado histórico simplificado sobre como ocorreu o ensino de arte no Brasil desde a chegada dos portugueses até os dias atuais, trazendo novamente Guimaraes, 2017 que revela pontos de vista tecnológico em torno da finalidade da argila e o entendimento sob a nomenclatura cerâmica. O terceiro capítulo está intitulado de Ensino de arte no Brasil, pois, como o próprio título revela, nesse momento, com auxílio dos esclarecimentos de Ana Mae Babosa conseguimos compreender o contexto histórico do ensino das artes no Brasil e observar alguns pontos problemáticos que deixaram vestígios até a atualidade. No quarto capítulo, com o título de Material e sua importância na educação, falamos sobre a importância da disponibilidade de materiais educacionais e sua atualização tecnológica, com ênfase no material apresentado pela pesquisa, trazendo Olga Freitas que faz uma análise cronológica sobre a utilização dos objetos no ensino e, a importância do material no processo de aprendizagem. No mesmo capítulo foi fundamental a obra de Lisiane de Aguiar, pois reforça o quando a arte pode trabalhar com nossa mente e corpo. O quinto capítulo traz a conclusão, nela contamos com o apoio dos textos de Olga Freitas e Graells que, reforçam que para além do material, o educador deve ater-se a dinâmica da mediação e sua importância no processo ensino aprendizagem. Na sequência, encontra-se a relação das referências utilizadas neste trabalho e o apêndice que, traz o manual pedagógico digital inserido na íntegra para apreciação do leitor.

2. O PROCESSO DE CRIAÇÃO

Trazer um trabalho que vem de gerações em minha família e o introduzir no meu caminho de aprendizagem acadêmico sempre foi uma idealização que tive desde o início do curso, essa ideia foi lapidada de várias formas até chegar a esse contexto educacional de ensino-aprendizagem. Levando o saber-fazer para dentro de sala de aula de forma criativa na qual o professor/mediador e o estudante possam não só aprender, mas também possam se divertir em todo esse processo. E a ideia da criação de um material didático que traz um saber popular para dentro do contexto artístico em uma sala de aula vai muito além de um só conteúdo, ele insere saberes culturais. A principal ideia sempre foi criar um material de fácil acesso e de fácil entendimento que pudesse auxiliar os professores em sala de aula para utilizarem uma técnica artística de forma mais segura em seu processo de ensino, além disso, interagir com as tecnologias digitais por meio de um manual pedagógico.

Apesar de todo o contexto da cerâmica no dia a dia de minha vida e todo o significado simbólico que esse material tem pra mim nas suas diversas formas, a argila é um material de fácil acesso, podendo ser encontrada em olarias papelerias até mesmo em alguns grandes supermercados e de baixo custo, podendo ser comprado em grandes quantidades por um preço muito baixo em olarias o que facilita bastante para um trabalho em escola com grandes turmas. Guimarães, 2017, na obra: Avaliação do ciclo de queima nas propriedades tecnológicas de cerâmica vermelha, afirma, com base, também, em outros atores, que:

A argila foi, provavelmente, o primeiro material estrutural inorgânico a adquirir características totalmente novas como consequência de uma operação intencional realizada por seres humanos. Esta operação foi o tratamento térmico (queima) que deu origem aos utensílios como: potes, panelas e outros, tendo grande influência na vida e nos hábitos do homem (PADILHA, 2000). Este foi possivelmente o começo da Engenharia de Materiais. Estima-se que isto tenha acontecido no oitavo milênio a.C. (KRANZBERG e SMITH, 1988), (GUIMARÃES, 2017, P.15)

Esse é um material muito flexível o que possibilita ser trabalhado das mais diversas maneiras, e esse caminho facilita o trabalho do professor que pode fazer uma

seleção e qual técnica usar que se adapte mais no conteúdo q irá aplicar e no contexto de sua aula, e nesse caso também facilitou meu trabalho na seleção de quais técnicas seriam adicionadas no manual. Diante várias técnicas tentei utilizar as mais simples para facilitar todo o processo de ensino-aprendizagem, selecionei algumas que não utilização de muitas ferramentas e sim focam mais no manuseio com as mãos pensando na desenvoltura da coordenação motora dos estudantes. As ferramentas colocadas no material são simples e de sua maioria materiais que podem ser reutilizados (canetas velhas, palito de dente, tampas de vasilhas e próprias vasilhas de plástico) assim facilitando o acesso e economizando os gastos.



Figura 1 – Fotografia 1 para produção do manual pedagógico digital.



Figura 2 – Fotografia 2 para produção do manual pedagógico digital.



Figura 3 – Fotografia 3 para produção do manual pedagógico digital



Figura 4 – Fotografia 4 para produção do manual pedagógico digital

2.1 Saindo do pote

Meus primeiros passos no mundo da cerâmica foram literalmente meus primeiros passos para a vida, nasci em 13 de maio de 1993 e nessa época minha família já trabalhava com a cerâmica, minha avó uma grande paneleira se dedicava a peças enormes que não eram apenas ornamentos, mas utensílios domésticos, meus pais trabalhavam com peças ornamentais e miniaturas e minha tia e primas também. Essa parte artesã da minha família trabalhavam e ainda trabalham na Associação dos Artesãos de Goiás, o lugar onde cresci e aprendi muito do que sei hoje em dia sobre a cerâmica. Minha mãe conta que, por vários momentos fui colocado dentro de um grande pote de barro ao lado da mesa na qual meus pais trabalhavam atendendo os turistas que vinham até a loja da Associação.

A Associação dos Artesãos de Goiás, fundada por Frei Marcos Lacerda e um grupo de Artesãos em 1977, funcionava a todo vapor na época do meu nascimento, com um grupo de 60 artesãos e suas famílias a riqueza de material e técnicas trabalhadas ali iam além da cerâmica, mas essa ficou em evidência como patrimônio material e imaterial da cidade e daquele espaço, foi onde cresci e me desenvolvi.

Os anos passaram e a cerâmica para mim era apenas uma brincadeira, uma passa tempo, até minha mãe decidir me matricular em uma escola de artes, a Escola Municipal Veiga Vale localizada na Cidade de Goiás, a escola, com mais de 50 anos de existência, atua com cursos livres de artes como: desenho, pintura, gravura e escultura, tanto em madeira como em pedra sabão, material disponível da região. Passei alguns anos estudando desenho e pintura, mas meu momento preferido eram as aulas de escultura. Uma vez por semana as aulas de escultura eram focadas na produção cerâmica e, nesses momentos fazia uso das técnicas aprendidas na Associação e que, até aquele momento eram consideradas apenas brincadeiras para mim. Com o tempo passei a trabalhar como vendedor na Associação onde comercializava pequenas peças cerâmicas, miniaturas produzidas por mim para serem vendidas. A prática profissional, com longas conversas trocadas entre os

artesãos que ali trabalhavam e turistas, foi aprimorando meu trabalho e, aprofundando cada vez mais, as técnicas que havia aprendido, além de desenvolver a criatividade.

Meu trabalho se tornou muito mais que simplesmente a comercialização das miniaturas cerâmicas, comecei a assumir a organização e curadoria de exposições e de feiras, assim assumi a responsabilidade por essas incumbências. Em determinado momento surgiu a oportunidade de estudar em outra cidade, foi quando me mudei para Goiânia para fazer o curso universitário de Design de Interiores, mudando meu olhar sobre o artesanato, comecei então, a introduzir o conceito de design no meu modo de trabalho.

Devido a vários fatores abandonei o curso de Design de Interiores e voltei para Goiás em 2013 cheio de ideias para colocar em prática na Associação. Com o intuito de ampliar os horizontes de acessos da Associação passei a frequentar grupos envolvidos com as políticas públicas da cidade como o Conselho de Cultura, onde conheci algumas professoras que faziam parte do corpo acadêmico do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG, que inaugurou o campus Cidade de Goiás, localizado em nossa cidade e bem próximo ao local da Associação. Percebi ali uma nova oportunidade acadêmica surgindo em minha vida.

Após alguns meses estava inserido no meio acadêmico, principalmente no curso de Licenciatura em Artes Visuais. Agora teria a oportunidade de desenvolver ainda mais minha criatividade e habilidades manuais com a produção de um design próprio e melhor aceito no mercado e meio artístico. Surgia também, a oportunidade de poder passar adiante os conhecimentos adquiridos por todos esses anos, uma vez que a licenciatura abriria portas para o ensino na rede de educação formal, estava agora em contato com a educação acadêmica e com a arte de ensinar arte.

Posso dizer que o contexto dessa pesquisa vai muito além das aulas de estágio nas escolas por onde passei, por traz disso tudo, está a raiz cultural, a bagagem de aprendizados e uma vontade imensa de transmitir todo esse conhecimento para aqueles que surgirão a minha frente com sede de aprender. Valorizando assim, o trabalho e o aprendizado de várias pessoas que, muitas vezes, foram esquecidas e deixadas de lado por um sistema que oprime as minorias e seus saberes. Trazer visibilidade para todo esse conhecimento e poder transmitir a outras pessoas é o verdadeiro significado de sair do pote.



Figura 5 Artesã Xica fazendo um utensílio de barro em sua casa nos anos 80



Figura 6 Frei Marcos Lacerda na loja da Associação de Artesãos de Goiás, anos 80



Figura 7 Artesã Dona Francisca (minha avó) com a peça que mas fazia na época, potes.

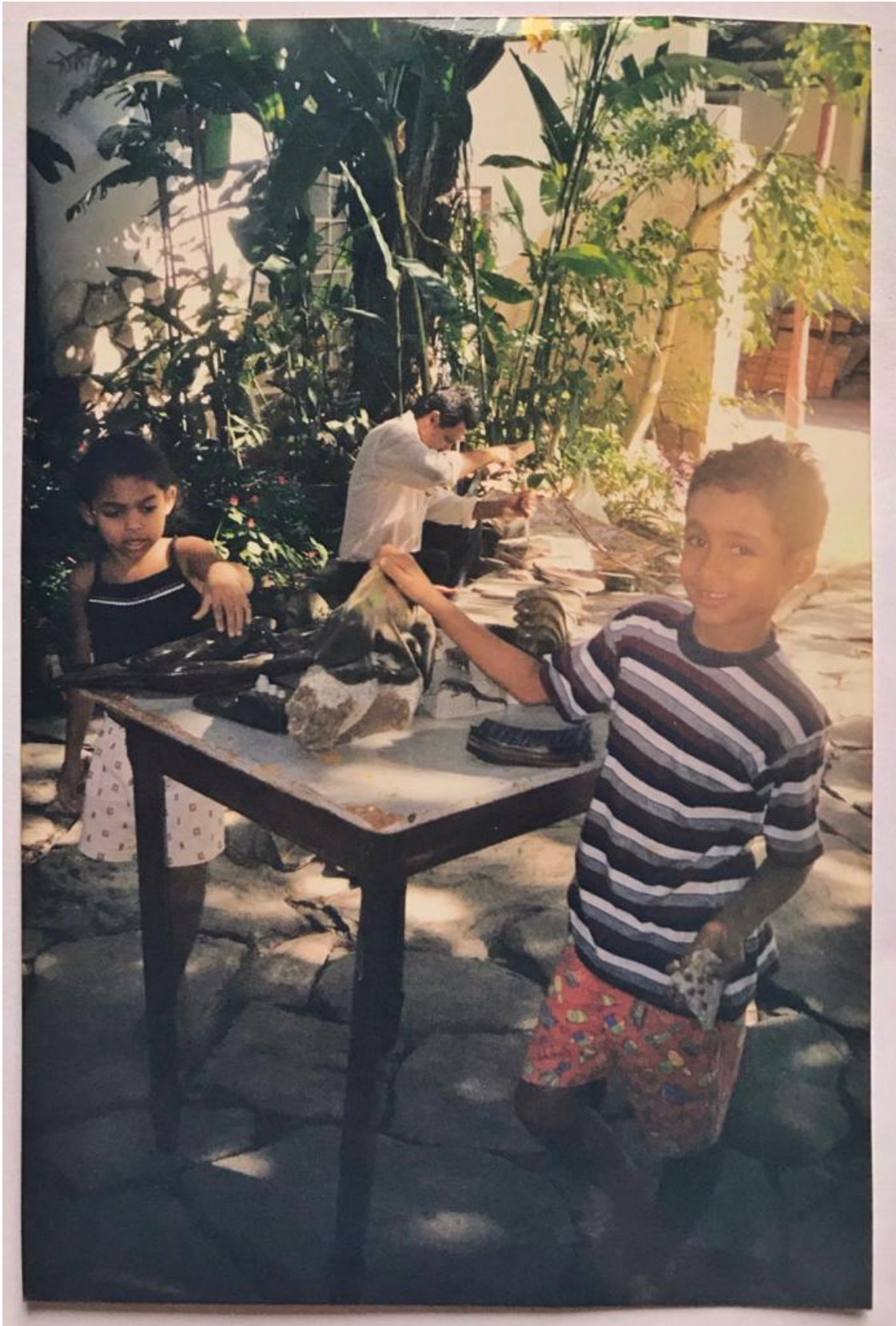


Figura 8 Eu e minha irmã no pátio da Igreja do Rosario em um momento de aprendizagem na Associação dos Artesãos de Goiás



Figura 9 - Reunião dos associados no pátio da Igreja do Rosário em Goiás.



Figura 10 - Transporte da Produção cerâmica da associação.



Figura 11 - Loja da Associação de Artesãos de Goiás.

2. 2 Relatos experiência de ensino

A primeira oportunidade de ensinar as técnicas de cerâmica, no meio acadêmico, surge em 2013 quando ofereço a primeira oficina através da Associação dos Artesãos de Goiás dentro do XIII Festival de Artes de Goiás. O evento envolve as comunidades de todos os *campi* em todos os segmentos da instituição: docentes, administrativos e estudantes, além da comunidade externa, com alcance nacional. De realização anual, compreende expressões artístico-culturais diversas, em suas diversas linguagens, como dança, música, artes visuais, literatura, teatro, contação de histórias, audiovisual, dentre outros. A partir desse momento tenho convicção do prazer de ensinar, mas até então não tinha nenhuma experiência muito menos instrução de como aplicar metodologia pedagógica para transmissão de um conhecimento técnico que já possuía.

Em 2015 ingressei como estudante da Licenciatura em Artes Visuais do IFG, campus Cidade de Goiás, que desencadeou a pesquisa e criação desse trabalho como parte integrante para a finalização do curso. Nesse momento começo a entender que posso melhorar meus métodos de ensino, no decorrer dos semestres apliquei várias oficinas e pude acompanhar de perto o trabalho das professoras do Curso Técnico em Artesanato Integrado ao Ensino Médio para Jovens e Adultos – EJA, onde pude ter acesso a técnicas novas aprimorando ainda mais meu conhecimento na área de cerâmica.



Figura 12 – Oficina de Biojoia em cerâmica ofertada aos estudantes da Escola Pluricultural Odé Kayodê

Já em 2018 iniciei meu primeiro estágio no Colégio Estadual Lyceu de Goyaz onde observo as tentativas pedagógicas de trabalhar o ensino de artes e possibilidades de inserir os conhecimentos adquiridos tanto na prática da produção cerâmica como no curso de licenciatura em Artes Visuais. Fui recebido nessa instituição, como estagiário, com muito apreço e demonstração de grande abertura para o ensino das artes, fato que não é visto em todos os ambientes de ensino. Das cinco professoras que lecionavam a matéria de artes dentro do colégio apenas uma tinha formação acadêmica na área de artes, no entanto, a mesma não se encontrava atuando em sala de aula, por motivos de saúde estava atuando apenas no atendimento da sala de apoio. As demais professoras, com formação em outras áreas de ensino, relataram grande dificuldade em ministrar o componente por falta de domínio da parte prática, sendo assim, atinham-se basicamente em atividades teóricas e poucas atividades práticas básicas, não profundando-se muito nos temas abordados.

Durante as aulas de observação percebia-se, claramente, a falta de domínio na área, fato que causava desinteresse, impaciência e dispersão por parte dos estudantes que participavam das aulas. Além disso, era notório o esgotamento físico e emocional dos docentes, acredita-se que, a falta de domínio dos conteúdos aliado ao acúmulo de carga horária era um fator estressante para essas profissionais, a dispersão e desinteresse dos estudantes provocava atitudes autoritárias em alguns momentos, o que tornava, o tempo destinado a aula de artes, em períodos tensos e desinteressantes, quando, na verdade, poderiam ser os momentos mais interessantes e descontraídos do período escolar, trazendo encantamento aos estudantes e integração com as outras disciplinas.

A teoria aliada à prática desperta o interesse, a criatividade, o senso crítico e habilidades artísticas dos estudantes. Além disso, as atividades artísticas podem ser aliadas a todas os outros componentes curriculares, facilitando a absorção do conhecimento teórico ensinado por meio da prática. A modelagem em argila, por exemplo, propicia o estudo da composição do solo da região de onde a argila, matéria prima plástica, foi retirada, agregando assim conhecimentos científicos pertencentes as áreas de geografia, física e química, que podem ser estendidos até a o momento da queima quando ocorrem as transformações químicas e físicas dos componentes

da argila quando alcançam o ponto de fusão em fornos de alta temperatura. Ainda em Guimarães, 2017, temos a confirmação, inclusive de outros autores, do que acabamos de relatar:

Para Coelho (2002); Bertuol (2003) e Vicenzi (1999), a massa para fabricação de produtos cerâmicos torna-se ideal quando preenche alguns requisitos, tais como: equilíbrio entre materiais plásticos e não plásticos, de modo a garantir a plasticidade exigida para a conformação e assegurar a adequada resistência mecânica a verde, bem como, quando possui uma adequada composição química e mineralógica de modo que as transformações físicoquímicas, que têm funções durante o processo de queima, assegurem ao produto acabado as características desejadas (GUIMARÃES, 2017, P.19).

Sendo assim, fica evidente que o ensino de arte pode e deve atuar com interdisciplinaridade entre os diversos componentes da matriz pedagógica educacional.

O colégio em questão incentiva a interdisciplinaridade por meio das aulas eletivas, onde na maioria das vezes, os conteúdos abordados dialogam entre si e com a matéria de artes, apesar de que, a matriz curricular cede espaço para apenas uma aula semanal para o ensino de artes. A ânsia do colégio pela realização de atividades artísticas, aliado ao fato de ter sido a primeira vez que receberam estagiário da área de artes culminaram na realização de projetos que englobaram várias vertentes da área, bem como auxiliaram os docentes que, mesmo sem formação específica, estavam ministrando o componente artes. Para melhor atuação e desenvolvimento dos projetos de forma adequada à realidade dos envolvidos foi imprescindível pesquisar e conhecer nosso público alvo, que segundo a direção do colégio:

A comunidade discente do Lyceu de Goyaz é composta por um público, em sua maioria, compreendido com idade entre 10 a 15 anos, sendo mais da metade masculino e com renda mensal familiar de até três salários mínimos: É imprescindível, diante desse quadro, selecionar os componentes pedagógicos norteadores das ações a serem desenvolvidas pela escola e conhecer um pouco da história da clientela educacional lyceana, composta por alunos provindos de quase todos os bairros e setores da cidade e também da zona rural, pertencentes a famílias com as mais variadas profissões ou atividades: funcionários públicos municipais e estaduais, pedreiros, agricultores, comerciantes, autônomos, empregadas domésticas (DIRETOR).

Estudantes oriundos de famílias de assentados rurais e pequenos produtores que utilizam o transporte escolar, enfrentando muitas intempéries para atingir seus objetivos pessoais. Ainda segundo a diretora: “porém, a grande maioria dos estudantes reside nos bairros próximos à escola e são filhos de famílias bem estruturadas, com bom nível de instrução”. Conseguir atrair a atenção de estudantes nessa faixa etária é um desafio, no entanto, ministrar o componente artes deveria ser algo prazeroso, dinâmico, encantador, uma vez que, é uma das áreas mais admiradas pelo público dessa faixa etária, pois são facilmente atraídos pela dança, música e pelas artes plásticas de maneira geral. Mas ao mesmo tempo, são muito dinâmicos e perspicazes, exigindo comprovação de habilidades teóricas e práticas de seus educadores, uma vez que também são pesquisadores devido as facilidades de pesquisas proporcionadas hoje pelos meios digitais e, percebem rapidamente se a atividade que está sendo proposta será ou não interessante. Concluimos com isso que, é preciso muito preparo profissional do educador que assumirá tal desafio.



Figura 13 - Estudantes do colégio Lyceu de Goyaz no projeto Cor de Pele.



Figura 14 - Produção dos estudantes do Colégio Lyceu de Goyaz para o projeto Cor de Pele

Nos primeiros dias que ministrei aulas de artes, lecionar foi um grande desafio. Apesar de assumir uma das matérias preferidas por grande parte da turma, chegava a gastar 20 minutos da aula para conquistar a atenção da turma, mas aos poucos, após conhecer algumas peculiaridades de cada estudante, compreendi que a interação professor-estudante é imprescindível para que ocorra o processo ensino aprendizagem com maior eficácia. O mesmo acolhimento que recebi de todos os funcionários no colégio também foi recebida pelos estudantes. Nesse público específico, percebe-se claramente, carência de afeto em grande parte dos estudantes, com isso, o educador acaba ajudando a lidar com problemas diários enfrentados pelos servidores colégio.

Nas abordagens de Paulo Freire, percebemos uma forte valorização do diálogo como importante instrumento na constituição dos sujeitos. O autor defende que o diálogo é uma necessidade humana e que só é possível uma prática educativa dialógica por parte dos educadores, se estes acreditarem no diálogo como um fenômeno humano capaz de mobilizar o refletir e o agir entre todos. Acrescenta ainda que se houver solidariedade podemos propiciar transformações capazes de modificar o sujeito, seu espaço e até o mundo.

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 1989, p. 91).

Ou seja, quando compreendemos a importância do diálogo entre educador e estudantes e aplicamos essa metodologia como proposta pedagógica maior a possibilidade de interação e integração na relação ensino aprendizagem, cumprindo um papel mais humanizado no ambiente educacional.

Nesse estágio trabalhei com os estudantes de 6^a e 9^a ano em um projeto chamado Cor de Pele, no qual introduzimos, além da modelagem em argila para a produção cerâmica, várias outras linguagens da arte como desenho e pintura. Esse projeto possibilitou trabalhar com os estudantes desde o primeiro manuseio da argila até o processo de queima da cerâmica, como resultado final organizamos uma exposição das peças artísticas criadas o qual no Museu das Bandeiras - MUBAN, museu local da Cidade de Goiás.

Parte do estágio foi realizado no curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Artesanato, na modalidade Educação de Jovens e Adultos - EJA, foram momentos ricos em ensino aprendizagem. Tive a oportunidade de participar em alguns componentes curriculares práticos da área de artesanato, entre eles ficou marcada a participação no componente curricular: Laboratório de Biojóias, pois tive a oportunidade de ministrar conteúdos que tenho pleno domínio, como a produção de peças cerâmicas em miniatura para a montagem de biojóias, adornos como pulseiras, anéis e colares foram produzidos no decorrer do estágio. Além disso, pude colocar em prática os conhecimentos adquiridos nos anos da faculdade que, aliados aos conhecimentos empíricos, tanto o conhecimento da técnica como o saber cultural. A experiência proporcionou grande troca de saberes, uma vez que, o público-alvo desse curso são estudantes adultos, alguns mais velhos que eu e, que trocaram experiências e me acolheram de uma forma contagiante, cada aula era uma demonstração de força de vontade e curiosidade de aprender mais sobre o que estavam fazendo.

Foi também, durante essas aulas, que tive o maior exemplo de superação e de como temos que estar atentos para adaptar a metodologia de ensino para incluir

estudantes com necessidades específicas, pois em uma das turmas do EJA tive o privilégio de conhecer e dar aulas a uma aluna cega e com deficiência auditiva, ousou dizer que aprendi muito mais com ela do que ensinei. Estar ali naquele momento e poder sentir o interesse daqueles estudantes em recuperar o tempo, considerado perdido, por estarem estudando em uma fase bem avançada da vida, me fez perceber a importância do papel do educador nesse processo. Sendo assim, o educador tem o papel crucial nesse processo, pois deverá conquistar e encantar seu público para o conhecimento, manter vivo o entusiasmo que desfrutei ali junto com todos aqueles estudantes é uma tarefa desafiadora para o educador.

Observar e perceber a diferença comportamental, provocada pelo contato do estudante com essas técnicas da arte, causou nos estudantes, que participaram das aulas de estágio, foi um fator motivador para criação do material didático aqui apresentado, acreditando que ele facilitará o trabalho pedagógico dos professores, uma vez que, terá acesso as técnicas e poderá adaptá-las ao seu conteúdo em sala de aula.



Figura 15 - Aula ministrada no componente curricular: Laboratório de Biojóias realizada no curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em *Artesanato*, na modalidade Educação de Jovens e Adultos - EJA



Figura 16 – Oficina de Biojoia em cerâmica ofertada aos estudantes do IFG Campus cidade de Goiás, cursos, Licenciatura em Artes Visuais e Técnico Integrado ao Ensino Médio em Artesanato, na modalidade Educação de Jovens e Adultos - EJA

2.3 História da cerâmica

Existe muita dificuldade em se determinar um período exato em que a cerâmica começou a ser produzida, mas sabemos que as produções iniciais da cerâmica são da pré-história: vasos de barro com a cor da argila natural, produzidas logo após a descoberta do fogo, é interessante destacar que existem semelhanças até os dias de hoje nos processos de produção. Guimarães, com base em PINTO (1997), define o conceito da argila do ponto de vista tecnológico:

Do ponto de vista tecnológico a argila é definida, segundo Pinto (1997), como sendo uma rocha finamente dividida, com elevado teor de partículas de tamanho inferiores a 2 mm., constituídas em grande parte por argilominerais, podendo conter impurezas. Quando pulverizada com uma quantidade adequada de água, a argila desenvolve plasticidade. Além disso, após secagem e queima em temperaturas elevadas (geralmente acima de 800 °C), adquire resistência mecânica (GUIMARÃES, 2017, p. 20).

Com o passar dos anos, e foco no Oriente Médio, as pessoas perceberam a funcionalidade da cerâmica no revestimento de pisos e paredes, mas apenas em meados do século XX, após a Revolução Industrial, que teve a produção em larga escala acessível para todos. (SENAC, 1999)

No Brasil a comunidade indígena já tinha conhecimento do trabalho com a cerâmica, mas foi só após a colonização que se deu a produção industrial. estudos indicam que a população que vivia no Brasil antes da invasão portuguesa, já produziam a cerâmica mesmo sem o conhecimento de algumas técnicas conseguiram valorizar seu trabalho levando-nos a ver o avanço em comparação com os momentos primitivos da idade da pedra e do bronze. (SENAC, 1999)

Para melhor compreensão sobre o que é cerâmica vamos a definição exposta por Guimarães, 2017, com auxílio de outros autores:

Definir o termo "cerâmica" não é uma das tarefas mais simples, já que, dependendo do ponto de vista adotado, este poderá assumir múltiplos significados. Assim pode ser considerado do ponto de vista de um historiador, um cientista (físico, químico, etc.), um engenheiro ou um fabricante (BOCH e NIÈPCE, 2007). A Associação Brasileira de Cerâmica (ABC) define o termo

“cerâmica” como sendo todos os materiais inorgânicos, não metálicos, obtidos geralmente após o tratamento térmico (queima) em temperaturas elevadas. Os materiais cerâmicos são caracterizados, de um modo geral, por possuírem módulo de elasticidade muito elevado, comportamento frágil, alta dureza e características isolantes (térmico e elétrico). A resistência à tração desses materiais frágeis é bem inferior se comparada às respectivas resistências à compressão e módulo de ruptura. O alongamento plástico na temperatura ambiente é praticamente desprezível, no entanto cresce com o aumento da temperatura de ensaio (PADILHA, 2000), (GUIMARÃES, 2017, p. 20).

A Ilha de Marajó no Brasil é o local que marca o primórdio das criações em cerâmica pelos indígenas que ali viviam, raspagem, incisão, excisão e pintura são técnicas as quais dominavam as utilizando para criar objetos como bancos, estatuetas, rodela-de-fuso, tangas, colheres, adornos auriculares e labiais. (SENAC, 1999)

Mas foi a chegada dos portugueses que surgiram novas utilidades para a cerâmica, a função de revestimentos em placas para aplicações em construções, e aplicando a influência africana na produção uma vez que junto a escravidão e as pessoas que eram escravizadas vinham junto seus saberes populares. (SENAC, 1999)

3. ENSINO DE ARTE NO BRASIL

O ensino de arte no Brasil tem início nas oficinas organizadas pelos jesuítas para introdução da arte barroca, sob a orientação dos mestres artesãos, com objetivo do ensino da técnica para gerar mão de obra. O único momento em que os artistas e artesãos possuíam a educação artística popular eram durante as oficinas que na época possibilitou a criação da arte barroco brasileira, com dissemelhanças formais em relação ao barroco europeu. (BARBOSA e COUTINHO, 2011)

A primeira institucionalização do ensino de arte se deu a fundação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, aprovada pelo decreto de 12 de agosto de 1816. Com base no modelo neoclássico, desenvolvido na Europa, carregava, na realidade, uma invasão cultural de cunho elitista. O processo metodológico tinha como base a cópia de obras clássicas de artistas renomados, tendo em foco o aprimoramento das habilidades manuais, essa idealização surge a partir de 1816. Durante o governo de dom João VI quando a Missão Artística Francesa chega ao Rio de Janeiro e é instaurado o ensino de artes no âmbito educacional, essa visão segue até meados de 1900. Ana Mae Barbosa, 2002, afirma esses fatos históricos com muita exatidão:

Os organizadores da Academia de Belas Artes, célula máter do nosso ensino de Arte, eram franceses, todos membros importantes da Academia de Belas Artes, do Instituto de França, e bonapartistas convictos. Lebreton, líder do grupo que posteriormente passou a ser chamado de Missão Francesa, era secretário perpétuo do Instituto de França e Diretor da Seção de Belas-Artes do Ministério do Interior daquele país, tendo-se ocupado, inclusive, de instalar, no recém criado Museu do Louvre (1793) o acervo resultante da vasta espoliação de Napoleão Bonaparte nos países conquistados (BARBOSA, 2002, p. 16).

Os planos apresentados por Joachim Le Breton (1760-1819), chefe da Missão Francesa, para a Escola de Ciências Artes e Ofícios, instaurada por decreto de D. João VI em 1816, tinham uma característica mais popular do que a orientação seguida no Instituto de França onde ele lecionava anteriormente. Os mais atuais modelos de ensino de atividades artísticas ligadas a ofícios mecânicos empregados na França eram repetidos no projeto por Bachelier em sua École Royale Gratuite de Dessin. Ele

conseguiu contornar a luta entre artistas e artesões, chegando a ter o apoio das academias para o trabalho pedagógico. (BARBOSA e COUTINHO, 2011)

Le Breton queria reproduzir no Brasil uma junção entre as belas artes e a preparação para o trabalho nas indústrias, onde a escola de artes traria o equilíbrio entre a educação para o popular e para a burguesia. Mas a escola que deu início em 1826 com o nome de Escola Imperial das Belas-Artes, tendo em sua estrutura alterações que fugiam apenas do nome, manteve uma estrutura de formação excludente para as camadas populares alcançarem a produção artística, beneficiando apenas a elite cultural que movimentava a corte. (BARBOSA e COUTINHO, 2011)

O surto de desenvolvimento econômico que ocorreu aproximadamente em 1870, trouxe uma abertura na organização social e amplificação de ideias contestadoras. E foi nesse momento em que a situação educacional e a organização do império se tornam pontos de crítica após a criação do Partido Republicano.

Os modelos de artes do escritor inglês Walther Smith que eram utilizados nos Estados Unidos começaram a ser divulgados no Brasil com a ajuda do jornal de Nova York escrito em português e publicado por José Carlos Rodrigues, após o comprometimento dos políticos e intelectuais com a finalidade de unir a arte e sua utilização na indústria. Em 1901 após ganharem visibilidade pelas lutas para a Reforma Republicana na Escola Nacional de Belas-Artes (1890), os liberais conseguem impor a sua diretriz ao ensino do desenho na escola secundária através da reforma educacional. (BARBOSA e COUTINHO, 2011)

Ana Mae Barbosa esclarece o fato ocorrido em sua obra:

É preciso esclarecer, antes de tudo, que o ensino de arte na escola secundária e primária se resumia ao ensino de Desenho. Um dos primeiros textos sobre a necessidade de se exigir o ensino de Desenho nas escolas secundárias foi escrito por André Rebolças em O Novo Mundo, jornal publicado em Nova York por um brasileiro, José Carlos Rodrigues, e escrito em português com larga repercussão entre os intelectuais brasileiros pela atualização das informações que veiculava, numa época em que os meios deficientes de comunicação mantinham as nações subdesenvolvidas em isolamento cultural (BARBOSA, 2002, p. 33).

Os conteúdos curriculares, segundo o modelo de Walter Smith já estavam presentes na educação brasileira, e até 1958 se encontravam praticamente imutáveis. Mesmo depois de muitas reformas educacionais ainda encontramos vestígios deles nas aulas

de artes, sendo afirmados em livros didáticos para educação artística, ainda podemos encontrar frisas decorativas, gregas, rosáceas em livros das décadas de décadas de 1970, 1980 e 1990. (BARBOSA e COUTINHO, 2011)

Ana Mae Barbosa e Rejane Galvão Coutinho (2011), trazem uma reflexão de como esses elementos das propostas de Walter Smith eram empregados na prática:

“É curioso imaginar que a aprendizagem destes elementos decorativos tinha sentido no início do século, já que se pretendia através do desenho preparar para o trabalho e a arquitetura era generosa na utilização de ornatos sobrepostos para cuja criação e execução as rosáceas seriam exercício preparatório. Por outro lado, as paredes internas das casas ostentavam complicadas faixas decorativas em suas pinturas. Ainda mais, estes motivos eram também fartamente usados nas artes gráficas. Hoje pouco se justifica sua permanência como exercício escolar. Alguns voltariam a ter sentido no contexto da pós-modernidade se os autores dos livros didáticos tivessem consciência da recuperação atual de alguns modelos visuais do início do século XX.” (BARBOSA E COLTINHO, 2011, p.14 -15).

O Modernismo que foi introduzido no Brasil durante a Semana de 22, não trouxe de imediato influências no ensino de artes. Só em 1927 devido a modernização educacional principalmente e que o ensino da arte volta a ter uma certa visibilidade nas discussões. (BARBOSA e COUTINHO, 2011)

A educação primária e a escola secundária se tornam o centro das atenções reformistas por meio do movimento ‘escola nova’. O princípio liberal de arte integrada no currículo ou arte na escola para todos, era o princípio defendido. Mas, enquanto os liberais tinham como objetivo o ensino dos aspectos técnicos do desenho para preparar os alunos para o trabalho, a ‘escola nova’ trazia a ideia da arte como instrumento mobilizador da capacidade de criar conectando imaginação e inteligência. (BARBOSA e COUTINHO, 2011)

Em 1948, na cidade do Rio de Janeiro, é criada a “Escolinha de Artes” com o ideal do desenvolvimento de auto expressão e prática, com isso houve o aumento desses espaços de aprendizagem por todo o país sobre a influência do movimento Bossa Nova. E somente em 1971, o ensino de arte passa fazer parte do currículo escolar do Ensino Fundamental e Médio, envolvendo as linguagens de artes plásticas,

educação musical e artes cênicas, dois anos depois temos a criação dos primeiros cursos de Licenciatura em Arte. Com a promulgação da Lei 9.394, em dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB, define que o ensino de Artes passa a ser componente curricular obrigatório da educação Básica. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, definem então, que seja composta por quatro linguagens: artes visuais, dança, música e teatro. (BARBOSA e COUTINHO, 2011)

Após esse breve resumo de uma parte do trajeto do componente curricular artes, podemos ter uma breve noção do tempo cronológico e observar que Artes foi inserida no meio educacional formal para se tornar um meio de profissionalizar jovens para mão de obra barata para o trabalho na indústria quando o país passava pelo desenvolvimento industrial. No entanto, observando o ensino de Artes nos espaços educacionais contemporâneos, ainda vemos resquícios desse ensino voltado a capacitação profissional. (BARBOSA e COUTINHO, 2011)

Em uma pesquisa de Heloísa Ferraz e Idméa Siqueira (1987) que teve início em 1983 (com continuidade em 84 e 85), as autoras analisam questionários respondidos por 150 professores de arte sobre as fontes de seu ensino e, constataam que, os livros didáticos são a fonte de ensino para 82,8%. Ou seja, a pesquisa mostra que uma grande parcela dos educadores utiliza apenas os livros didáticos como referencial básico para suas aulas, fato que ocorre até os dias atuais na maioria dos espaços educacionais. A utilização desses livros didáticos não seria um problema caso os conteúdos abordados não fossem baseados para o ensino de desenho geométrico utilizados nas décadas de quarenta e cinquenta, cujo objetivo era formação técnica da mão de obra citada anteriormente. Segundo Ana Mae Barbosa (BARBOSA, 1989) “os livros didáticos para a arte-educação são modernizações na aparência gráfica de livros didáticos usados no ensino de desenho geométrico nos anos 40 e 50, sem nenhuma preocupação com o desenvolvimento da autolibertação”, essa sua afirmação traz um questionamento que pode ser utilizado na atualidade.

De acordo com Ana Mae Babosa:

Nas artes visuais ainda domina na sala de aula o ensino de desenho geométrico, o *laissez-faire*, temas banais, as folhas para colorir, a variação de técnicas e o desenho de observação, os mesmos métodos, procedimentos e princípios ideológicos encontrados numa pesquisa feita em programas de

ensino de artes de 1971 e 1973 (BARBOSA, 1975, p.86-7). Evoluções não têm lugar em salas de aula nas escolas públicas (BARBOSA, 1989, p. 107).

Trazer essas afirmações sobre a desvalorização do ensino de Artes nas escolas que reverbera até os dias de hoje reforça a importância da criação de um material didático alternativo que irá auxiliar da dinâmica do ensino de artes nos ambientes de aprendizagem.

4 MATERIAL E SUA IMPORTANCIA NA EDUCACAO

4.1 Saberes culturais

Os saberes populares têm relação, na produção de um objeto artístico, o conceito de identidade e memória, pensando em identidade cultural como junção de símbolos e significados que representam, algo que a pessoa ou grupo identificam e afirmam como sua própria representação. Conhecimentos guardados na memória da pessoa ou do grupo e, que é transmitido para outras gerações, sendo assim, temos a estruturação do que é o saber e o fazer popular. O conhecimento de um povo que é guardado, preservado e futuramente, vai sendo passado entre as gerações de várias formas.

Na construção desse material didático procuramos seguir por esse caminho, tentando preservar, ao máximo, um saber popular e disponibilizando seu uso para que outros educadores tenham a possibilidade de transmitir, por meio do ensino, saberes e fazeres tradicionais de mestres artesãos, da área de cerâmica, da cidade de Goiás. A junção do saber popular a educação formal poderá enriquecer a metodologia da sala de aula de forma encantadora para os estudantes, principalmente aqueles que convivem com essa comunidade. Podendo assim, transpassar o ensino através de meios facilitadores, fato que não seria novidade como metodologia de ensino, mas que é de suma importância para êxito no processo ensino/aprendizagem no meio educacional, sob o mesmo ponto de vista Olga Freitas:

“Há milhares de anos, nossos antepassados já usavam objetos que facilitavam suas atividades diárias. Achados arqueológicos indicam que os primeiros objetos usados pelo homem eram simples, feitos à mão, utilizando pedras. Acredita-se que eles eram usados como martelos, projéteis, objetos para cortar e raspar e, depois, pontas de lança. Tudo pensado para sua sobrevivência no planeta. No começo, os materiais eram usados da maneira como eram encontrados na natureza (galhos de árvores, pedras brutas) e, com o passar do tempo, foram cada vez mais se modificando, até atingirem níveis mais altos de sofisticação. Basta lembrar que, primitivamente, a contagem dos objetos era feita com pedrinhas, gravetos, desenhos no chão;

hoje, milhares de anos depois, tem-se o computador, que não só quantifica como realiza operações extremamente complexas em uma velocidade impressionante. Em relação à educação, não foi diferente. Os primeiros agrupamentos humanos a fixarem-se na terra, cultivando-a e criando animais, preocuparam-se com a transmissão do conhecimento aos mais jovens, tendo em vista prepará-los para a sobrevivência e defesa da comunidade. Nesse período, além dos processos de imitação e participação por parte dos mais novos, a exposição oral era a ferramenta educacional utilizada pelos mais velhos, tanto para transmitir o aprendizado das tarefas do dia a dia quanto para estimular o cultivo dos valores que constituíam o grupo. Nesse processo de transmissão oral, a memorização era o único recurso de aprendizagem que os alunos possuíam para guardar as informações recebidas. Para essa tarefa, era destacado um membro do grupo, geralmente, aquele que teve maior facilidade em reter os ensinamentos recebidos que, explorando ao máximo os recursos de sua memória de longo prazo, transmitia-os por meio de dramatizações, personalizações e diversos outros artifícios narrativos. A aplicação desses recursos, em si, já demonstra uma preocupação, antiga, com a facilitação do processo ensino/aprendizagem, uma vez que era preciso garantir a atenção das crianças e dos jovens e estimular seus circuitos de memória. A ludicidade é outro aspecto evidente nas técnicas utilizadas, uma vez que as dramatizações e as personalizações visavam, também, a proporcionar prazer aos aprendizes. [...]"

4. 2 Falta de materiais de artes em sala de aula

O componente curricular Artes abrange tantas áreas que seria impossível colocar todo o conteúdo e conhecimento dentro apenas de um livro didático, mas é apenas o livro didático que o professor de artes tem como apoio em suas aulas. Apesar das inovações tecnológicas que possibilitam hoje o acesso a pesquisa pela internet, ainda é muito comum, em todo o território nacional, espaços educacionais sem esse acesso, tal fato restringe, ao educador, uma pesquisa mais detalhada e aprofundada sobre os assuntos que deverá abordar em suas aulas de artes, sobrando muitas vezes, apenas os livros didáticos como único e principal apoio educacional, material que, dependendo do autor ou da forma como foi organizado, pode estar limitado a conteúdos de história da arte, geralmente selecionado para tal fim por ser o conteúdo mais comumente escolhido para elaboração das questões inseridas provas

seletivas. No entanto, o educador poderá não encontrar nessas obras, assuntos específicos de atividades práticas como a modelagem em argila e aspectos de saberes e fazeres da produção cerâmica de uma sociedade tradicional específica, como no caso dos ceramistas da cidade de Goiás.

Sendo o Brasil um território de cultura tão ampla e diversa, o professor de artes deveria ter acesso a materiais de culturas específicas com seus respectivos conceitos históricos da arte, como também de conteúdos sobre as técnicas e práticas o auxiliasse a ministrar aulas com maior conhecimento e segurança, podendo assim, inclusive auxiliar na formação de outros profissionais no campo das artes.

Neste contexto de reformulação do conteúdo aplicado no ambiente de ensino podemos analisar conforme Moreira e Candau (2005, p. 39) que: “Construir o currículo com base nessa realidade, não é tarefa fácil e irá certamente requerer do professor nova postura, novos saberes, novos objetivos, novos conteúdos, novas estratégias de ensino e novas formas de avaliação. Será necessário que o docente se disponha e se capacite a reformular o currículo e a prática docente com base nas perspectivas, necessidades e identidades de classes e grupos subalternizados.”

Por mais complicado que seja todo esse processo de adaptação, os resultados de aprendizagem podem ser surpreendentes uma vez que a obtenção destes resultados seja não só de interesse do professor, mas também de interesse do sistema a sua implantação se tornara mais simples.

4.3 Como esse material irá ajudar

Trazer esse material para o espaço de ensino/aprendizagem além de todo o enriquecimento cultural abarca diversos pontos positivos que somam no processo de conhecimento dos estudantes, a valorização dos saberes culturais, desenvolvimento da coordenação motora, a socialização e troca de saberes entre outros.

Segundo Olga Freitas:

[...] como você sabe, é indiscutível o papel do material didático como recurso incentivador da aprendizagem, uma vez que as mensagens que o estudante

recebe por meio dele não são somente verbais; abarcam sons, cores, formas, sensações. [...]. Esses materiais ainda podem substituir, em grande parte, a simples memorização, contribuindo para o desenvolvimento de operações de análise e síntese, generalização e abstração, a partir de elementos concretos. Dessa forma, ampliam o campo de experiências do estudante, ao fazê-lo defrontar com elementos que, de outro modo, permaneceriam distantes no tempo e no espaço. [...]

A inserção da tecnologia cada dia mais no nosso cotidiano e no âmbito escolar é relevante para o avanço do acesso ao conhecimento, mas, por outro lado, também exigirá do professor saber dosar e equilibrar a utilização do material virtual e as práticas da técnica efetivamente. A falta do equilíbrio entre o real e o virtual poderá trazer ao estudante prejuízos com as relações interpessoais, interação com materiais naturais como a argila, troca de experiências com os colegas, e conseqüentemente esses desligamentos podem causar problemas de socialização, a ideia da atividade de modelagem da argila com sua plasticidade possibilitará ao estudante a interação com o meio ambiente, com o outro e consigo mesmo, percebendo que antes da queima do material, quando ainda flexível, poderá ser moldado e transformado conforme seu desejo e habilidade técnica desenvolvida nas aulas, trazendo essas mesmas possibilidades para sua vida emocional e cotidiana.

Segundo Lisiane de Aguiar Tavares:

“O trabalho artístico é projeção de parte da psique sobre a matéria. O artista despoja o material de que se serve da significação inerente a sua realidade concreta, tornando-a uma expressão simbólica. É através da função simbólica que o self atua organizando a consciência. A compreensão dos símbolos se torna necessária para que possamos ter uma visão do conteúdo do inconsciente da pessoa com o qual estamos trabalhando.” (TAVARES, 2012)

Trabalhar com atividade prática de artes tem demonstrado ser atrativo e divertido para a maioria dos estudantes. Essas práticas, muitas vezes vão além do conhecimento alcançando estudantes introspectivos, com dificuldade de socialização, em alguns casos tornam-se a solução para a vida de determinado estudante ou turma dispersa, desde que a atividade seja introduzida de forma correta e por um educador

que tenha alcançado o domínio da técnica antes de se propor a executá-la em sala de aula. Qualquer atividade educativa, seja ela prática ou não, terá possibilidade de alcançar melhor êxito, se sugerida depois de prévio acordo com o grupo, além de estar inserida na cultura e identidade da turma, para tanto é preciso conhecer cada um dentro de sua realidade. O fazer sem a devida integração, apenas como uma obrigação, poderá desmotivar o interesse do estudante e da turma, instigar poderá ser a palavra-chave nesse processo de ensino/aprendizagem, podendo assim, alcançar o estudante e levando-o a conseguir a produção desejada. O objetivo com a criação do manual didático virtual para a produção cerâmica é levar o educador a alcançar todos esses propósitos em suas aulas.

5 - CONCLUSÃO

Nas descrições das perspectivas apresentadas nesta unidade apareceram numerosas questões que reverberam desde o início de um interesse por uma vertente da arte, passando pelo processo de aprendizagem de como ser um professor até um método de transmissão de um conhecimento empírico. Chamorro (2003) apresenta uma definição para material curricular que descrevem a funcionalidade do que foi criado nesta pesquisa para o ambiente de ensino. Segundo ela, todos os meios que o professor usa para ensinar são designados por 'recursos didáticos'. Isto é, todos os recursos que sejam criados, produzidos e aplicados na ação educativa e que promovam o desenvolvimento do processo cognitivo são recursos que servem de apoio ao professor enquanto leciona. [...]. Chamorro (2003) ressalta que o recurso didático não é em si um conhecimento, mas o meio que auxilia a construção do conhecimento e a sua compreensão. E pensando nesta ênfase que Chamorro (2003) faz trago a fala de Olga Freitas:

“É importante lembrar que nenhum material didático pode, por mais bem elaborado que seja, garantir, por si só, a qualidade e a efetividade do processo de ensino e aprendizagem. Eles cumprem a função de mediação e não podem ser utilizados como se fossem começo, meio e fim de um processo didático. Assim, se um filme for apresentado em uma aula de história, pode ter sua projeção, por vezes, interrompida para fixar cenas, discutir com os alunos, e seguida pela produção de um texto avaliativo. Ou seja, o material didático deve-se integrar num ciclo mais completo de ensino-aprendizagem.”

Visto que os materiais didáticos são elaborados com uma finalidade, Graells (2000) apresenta suas finalidades, focando em: fornecer informação; constituir guíões das aprendizagens dos estudantes; proporcionar o treino e o exercício de capacidades; cativar o interesse e motivar o estudante; avaliar as capacidades e conhecimentos; proporcionar simulações, com o objetivo da experimentação, observação e interação; criar ambientes (contextos de expressão e criação). A criação

desde material ressalva a esperança de um espaço de ensino diferente que não abandone os conteúdos essenciais, mas que também possa diversificar dando assim a oportunidade para o estudante encantar-se com todas as possibilidades possíveis no meio das artes.

Assim consideramos que a criação desse material possibilitará, além de um apoio didático ao professor, servirá como base para futuras pesquisas sobre as práticas educativas, as possibilidades de utilização de técnicas de modelagem em argila para produção cerâmica e os conhecimentos tradicionais, históricos e culturais sobre a produção cerâmica na cidade de Goiás, com ênfase na cerâmica produzida pelas artesãs da Associação de Artesãos da Cidade de Goiás. Conclui-se portando que a pesquisa elaborada que culminou nesse material será de grande valor educacional, histórico e social para futuros pesquisadores, educadores e estudantes.

6. REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. **Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras**. Vol.3 no.7. São Paulo: Sept/dec. 1989.

_____. **Arte-educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BARBOSA, A. M. e COUTINHO, R. G. **Ensino de arte no Brasil: Aspectos históricos e metodológicos**. São Paulo: Perspectiva, 2011

BRASIL. **Lei 9.394, de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm/. Acessado em 25 de setembro 2020.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao>. Acessado em 25 de setembro 2020.

CHAMORRO, M.C. **Didáctica de las Matemáticas para Primaria**. Madrid: Pearson Educación. 2003.

FERRAZ, M. H. T. e SIQUEIRA, P. I. 1987. **Arte-Educação: vivência, experimentação ou livro didático?** São Paulo, Edições Loyola.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREITAS, Olga. **Equipamentos e materiais didáticos**. Brasília: Universidade de Brasília, 2009. 132 p.

FERRAROTTI, F. **Sobre a autonomia do método biográfico**. In: NÓVOA, António; FINGER, M. (Orgs). O método (auto) biográfico e a formação. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

GOUVÊA, Célia Anselmo et al. **Projeto Político-Pedagógico**: Colégio Lyceu de Goyaz. Goiás, 2018.

GUIMARÃES, Carlos Alberto de Oliveira. **Avaliação do ciclo de queima nas propriedades tecnológicas de cerâmica vermelha**. Dissertação de Mestrado: Centro de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2017.

GRAELLS, P. M. **Los medios didácticos**. 2000. Disponível em: <http://dewey.uab.es/pmarmques/medios.htm>. Acessado em 13 de novembro de 2020.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. C. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos.** In: Educação como exercício de diversidade. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2005. 476 p.

SENAC. DN. **Oficinas: Cerâmica** / Eliana Penido; Silvia de Souza Costa. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 1999.

TAVARES, L. d. **A interface da cerâmica e a Arteterapia.** Rio de Janeiro. 2012. 30 p.

7. APENDICE





CERÂMICA NA ESCOLA

Igor Felipe Assis

APRESENTAÇÃO

Igor Felipe Assis
2021

Orientação

Prof. Ma. Flora Alves Ruiz
Dr. Flávio Gomes

Fotografia

Patrícia Mousinho

Colaboração

Derci Felipe Assis
Associação dos artesãos de Goiás



A cerâmica na escola

A cerâmica, como um recurso de apoio ao ensino no ambiente escolar, é apresentada como a principal ideia deste material. Introduzir as técnicas no dia a dia do espaço de ensino aprendizagem vai muito além de ser apenas o ato de modelar uma massinha, é interação e vivência, com um material que está há séculos no cotidiano do homem. Ele faz parte de sua natureza e a peça produzida deixa de ser apenas um utensílio, pois carrega consigo todo um saber cultural, rico em ensinamentos e possibilidades. Este manual traz um pouco da história da cerâmica no Brasil e algumas técnicas simples para trabalhar com a argila em sala de aula, técnicas as quais, podem ser facilmente inseridas em vários conteúdos que estejam sendo trabalhados, contendo também conhecimento sobre as ferramentas a serem utilizadas durante esse trabalho, bem como a improvisação por meio de utensílios cotidianos quando não houver acesso às mesmas. A cerâmica, ao longo do tempo, teve diferentes funcionalidades desde um simples utensílio doméstico, urnas funerárias ou parte integrante de grandes construções, devido à sua maleabilidade e resistência após a *queima*¹. Esta edição do manual não aprofunda o conhecimento das queimas, uma vez que o foco é a utilização em sala de aula, local que, dificilmente, disponibilizará de um forno especializado para queima da cerâmica, ou seja, foi pensado para a realidade do ambiente escolar. A prática da produção artesanal de cerâmica diminuiu após o desenvolvimento da produção industrial, no entanto, esse fator não diminuiu seu valor como patrimônio material, imaterial e cultural da humanidade. Pensando no valor desses saberes, compreendemos que, a colaboração da Associação dos Artesãos de Goiás seria imprescindível para a produção deste manual. A Associação está localizada na Cidade de Goiás e funciona desde 1977, quando foi fundada por Frei Marcos, pároco da Igreja do Rosário na ocasião. O grupo inicial foi formado por 60 artesãos, mas, atualmente, se reduziu para 25, os quais continuam mantendo o legado do artesanato local da cidade. O material didático aqui apresentado, compartilha os saberes empíricos das artesãs Derci Felipe, Elci Felipe e Francisca de Jesus Felipe (Dona Xica), que com muita dedicação e colaboração, transmitiram os conhecimentos adquiridos com os anos de prática e vivência cotidiana na produção cerâmica. Que esse material possa trazer uma experiência com o mais antigo ofício da humanidade, possibilitando, assim, um contato com o resgate e a ancestralidade.

¹ No processo de produção após modelar a cerâmica e a deixar secar deve levar a peça ao forno para que ela possa ser cozida, queimada, ficando com uma coloração vermelha. Em alguns lugares essa etapa é conhecida como biscoito. Após esse processo a peça fica impermeável e com maior resistência, inclusive ao próprio fogo. Em algumas regiões essa queima é apenas a primeira etapa, podendo assim, retornar ao forno para ser vitrificada ou esmaltada.

É importante lembrar que esse processo não é feito em fornos domésticos, pois o forno deve atingir altas temperaturas, entre 800 a 1200 graus centígrados. Caso a peça venha a ser colocada em fornos impróprios pode causar acidente.

Sumário

A cerâmica na escola	4
Por que utilizar a cerâmica?	6
Argila ou Cerâmica?	8
Denominações e processos	8
Cores	11
Ferramentas	12
Técnicas	15
Rolinho	16
Bloco (por extrusão ou acréscimo de Material)	19
Placa	22
Molde com placas	23
Molde vazado	26
Gravura	27
Pintura na Cerâmica	29
Dicas	31

Por que utilizar a cerâmica?

A argila, material básico para a produção cerâmica, como matéria prima bruta, é de fácil acesso tanto no município de Goiás-GO, como em outras regiões do Brasil. Além de poder ser coletada diretamente do solo em diversas regiões, é um material básico de baixo custo, que se encontra à venda nos grandes centros, onde, a coleta direta, não é mais possível. Portanto, pode ser utilizada como recurso didático/pedagógico com mais frequência nos ambientes de ensino. O material didático aqui apresentado, possibilitará aos docentes interessados trazer o conhecimento da produção cerâmica para esses espaços de ensino-aprendizagem como uma forma de inserção dessas técnicas e desenvolvimento das habilidades motoras finas dos estudantes. As atividades que desenvolvem habilidades motoras finas envolvem pequenos grupos musculares do corpo humano, envolvendo a sincronização de mãos e dedos com os olhos. Portanto desenvolvem a capacidade de usarmos as mãos e dedos para alcançar, agarrar e manipular objetos. Incluem a precisão, força, coordenação dos olhos e mãos, coordenação motora bilateral do cérebro e o uso de ferramentas. Quando estimulamos essas habilidades facilitamos o processo de escrever, colorir, recortar, usar os talheres, manusear os botões, zíper e cadarço, abrir e fechar os botões da roupa, além de tantas outras tarefas que realizamos todos os dias sem nem perceber. Consequentemente, muito importantes de serem desenvolvidas tanto na primeira e segunda infância, como na terceira idade, quando o ser humano perde parte dessas habilidades.

É importante lembrar que o enriquecimento das atividades, com utilização desse material didático em espaços de ensino/aprendizagem, pode trazer acréscimo de conhecimento das técnicas que se pretendem trabalhar, encantamento dos envolvidos pela produção cerâmica e capacidade de produção de objetos artísticos baseados na transformação da argila em cerâmica. Além disso, tanto a argila, matéria-prima escolhida, como a produção cerâmica, trazem intrínsecos valores históricos e socioculturais locais de extrema importância para a manutenção da memória histórica/cultural desses povos e seus saberes.

A História da Cerâmica

Existe muita dificuldade em se determinar um período exato em que a cerâmica começou a ser produzida, mas sabemos que as produções iniciais da cerâmica pertencem à pré-história: vasos de barro e urnas funerárias com a cor da argila natural, produzidas logo após a descoberta do fogo são registros encontrados pelos antropólogos, é interessante destacar que existem semelhanças, até os dias de hoje, nos processos de produção.

Com o passar dos anos, com foco no Oriente Médio, as pessoas perceberam a funcionalidade da cerâmica utilizada como revestimento de pisos e paredes, mas apenas em meados do século XX, após a Revolução Industrial, que passou a ter produção em larga escala e acessível para a maioria.

No Brasil, a comunidade indígena já tinha conhecimento do trabalho com a cerâmica desde seus primórdios. A população tinha domínio de técnicas básicas que são utilizadas até hoje, como a técnica de rolinho, de placa e de bloco. A produção cerâmica tinha elevado valor cultural tanto na produção de utensílios domésticos como de urnas funerárias que hoje são encontradas nas escavações antropológicas em sítios arqueológicos de todo o território nacional. Somente após a colonização brasileira teve início a produção em escala industrial.

A Ilha de Marajó, no Brasil, é o local que marca os primórdios das criações em cerâmica pelos indígenas que ali viviam. Raspagem, incisão, excisão e pintura são técnicas que dominavam as produções para criação de objetos como

Curiosidade

Considerado o terceiro país na produção mundial em materiais de revestimento o Brasil tem uma das mais avançadas tecnologias na indústria da cerâmica possuindo uma participação no PIB brasileiro (Produto Interno Bruto) estimada em 1%, cerca de US\$ 6 bilhões.

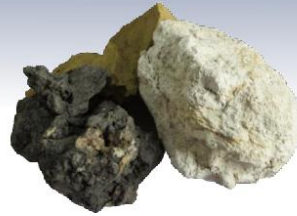
SENAC. DN. **Oficinas: Cerâmica** / Eliana Penido; Sílvia de Souza Costa. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 1999.

bancos, estatuetas, rodela-de-fuso, tangas, colheres, adornos auriculares e labiais. Com a chegada dos portugueses surgiram novas utilidades para a cerâmica como função de revestimentos em placas para aplicações em paredes e pisos das construções ou o conhecido e tradicional azulejo português. Com a chegada da cultura africana trazida pelos escravos, as

produções passam a receber influência dos saberes populares desses povos.

Argila ou Cerâmica?

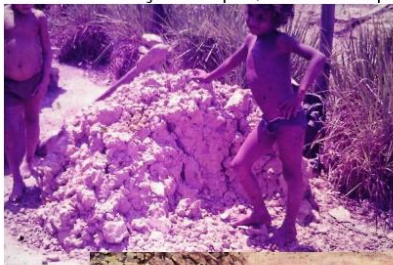
Denominações e processos



Argilas retiradas da natureza em seu estado bruto.

É importante lembrarmos que a argila ou barro são termos utilizados para a matéria prima extraída da natureza, mas mesmo sendo a matéria prima ela não é trabalhada logo que é retirada. Após ser coletada passa por processo de limpeza que tenta remover, ao máximo, impurezas como pedras, grãos de areia e galhos. Existem vários processos de limpeza, os quais foram evoluindo ao longo do tempo. Já a cerâmica é a nomenclatura dada à peça final após o processo de queima.

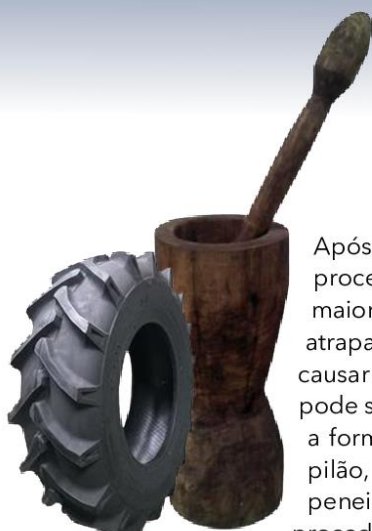
A produção da cerâmica é milenar e ao longo de todo esse tempo os processos para sua utilização é mantido desde a retirada do material bruto até os processos de queima, passando pelas técnicas de modelagem. Os meios para esses processos passaram por mudanças com a ajuda de tecnologias avançadas que, além de aprimorar a produção em escala, tem facilitado a vida dos artesãos que trabalham com cerâmica.



Um exemplo de processo que sofreu alterações é o da extração da argila da natureza, encontrada em barreiros ao lado de lagoas, represas ou brejos. Era retirada manualmente com o auxílio de algumas ferramentas manuais como enxadas e pás. Hoje em dia esse processo é executado por maquinários que agilizam a retirada de grande quantidade em menor espaço de tempo.



Extração da argila.
Foto cedida por Associação dos Artesãos de Goiás.



Após retirada da natureza a argila precisa passar pelo processo de limpeza com a finalidade de retirar grãos maiores de areia, pedras ou galhos que podem atrapalhar o processo de criação da peça e até mesmo causar dano à peça no momento da queima. Essa etapa pode ser feita de várias formas. Antes dos maquinários a forma mais utilizada era socar a argila seca em um pilão, até se tornar um pó fino que em seguida era peneirado tirando as impurezas. Após esse procedimento ela era novamente hidratada para se

tornar uma massa fina, elástica e agradável ao toque, estando assim pronta para ser modelada. Outra forma de preparação é a colocação da argila *In Natura*, ainda úmida, em um pneu de trator, que tem a função de substituir o pilão, na falta deste, socando com o pilão da mesma forma até que se obtenha a massa adequada para modelagem.

Atualmente existe a maromba, máquina que faz todo o processo de preparação da argila úmida.

É muito utilizada em olarias para o próprio uso na preparação de peças cerâmicas ou vendida aos artesãos ceramistas, pronta para o uso. A argila já preparada pode ser utilizada de inúmeras maneiras uma vez que possui elasticidade e capacidade de reutilização.



Como reutilizar a argila?

A argila, antes de ser queimada, pode ser desidratada, seca e devolvida à natureza, caso não tenha tido contato com produtos químicos como tinta ou verniz. Para mantê-la úmida e pronta para uso basta formar um bloco e envolvê-lo com pano úmido e plástico. Caso precise de maior espaço de tempo terá que umedecer o tecido que a envolve, mantendo assim a textura ideal para a modelagem.

Raramente encontraremos um forno cerâmico à disposição em espaços educativos. Nesse contexto de ambiente escolar e diante dessa dificuldade, no próximo capítulo iremos aprofundar os conhecimentos em formas de finalizar o acabamento da peça de argila que não passar pela queima. Queima é o processo de transformação química e física da argila em cerâmica tornando-a assim um material que não tem como ser reutilizado para modelar, mas abrindo um leque de possibilidades para outros trabalhos. A queima tanto pode ser feita em fornos industriais próprios para argila, pois necessitam de altas temperaturas, entre 800 a 1500 graus centígrados, como também pode ser feita em fornos rústicos e tradicionais feitos com tijolos de barro e aquecimento por meio da queima de lenha, ou seja, existem formas de queimas alternativas.

A primeira queima a qual deixa a peça com uma coloração vermelha é conhecida como queima biscoito. Após passar por esse processo a peça pode ser considerada pronta ou servir de suporte para aplicação de outras técnicas como a vitrificação, quando, após receber uma ou mais camadas de pigmentos químicos específicos, retorna ao forno em temperatura mais alta, que provocará a reação química do material, tinta para vitrificação, dando a peça impermeabilização completa, além de textura e coloração dependendo da cor do produto utilizado.



Forno de tijolos utilizado para queima alternativa.

Peças miniaturas após a primeira queima, queima biscoito.



Peça após a segunda queima com a técnica de vitrificação.

Cores

A argila tem uma variedade natural de cores. Essa variação é devido à composição do solo do local onde foi retirada e, essa variação da composição do solo irá alterar a cor que a peça adquirirá após a queima. No estado de Goiás existe predominância da argila verde (em alguns locais conhecida como amarela) apesar disso, também é encontrada em outras cores como a preta e a branca.



Argila Verde

Após a queima fica com a coloração Terrosa.



Foto cedida por Larissa Miranda

Argila preta

Após a queima fica com a coloração branca.



Argila branca

Após a queima fica com a coloração branca.



Curiosidade

Alguns artesãos utilizam pigmentações para fazer a alteração da cor da argila. Essa mudança de cor é visível logo após a mistura do pó colorante à argila e também é notória após a queima.

O Vermelho utilizado para dar cor ao cimento queimado é bastante utilizado para dar mais intensidade à cor terrosa das peças.

As cores das peças também podem ser alteradas no momento da queima, em fornos alternativos. A fumaça da lenha pode alterar o acabamento das peças com manchas artísticas. Existem técnicas nas quais as peças são abafadas juntamente com a fumaça da lenha e o forno é fechado para impedir a saída da fumaça, deixando as peças com a cor preta intensa.

Há também técnicas de esmaltação na qual a peça passa por uma primeira queima e logo após é pintada com tintas específicas para serem levadas ao forno novamente onde adquirem uma nova coloração e textura.

Ferramentas

Existem hoje em dia diversas ferramentas fabricadas industrialmente à venda no mercado para o trabalho com a cerâmica. As estecas ou espátulas são as mais utilizadas. Mas a cerâmica não nos limita a ferramentas específicas para seu trabalho, e para facilitar ainda mais seu manuseio, em um ambiente escolar, o mais viável seria improvisar e utilizar ferramentas alternativas. E pensando nesse contexto trazemos a seguir algumas opções de ferramentas que podem ser encontradas em qualquer lugar, objetos que seriam jogados no lixo que podem ser reaproveitados.



Atenção!

Alguns objetos, por possuírem pontas e superfícies cortantes, as quais podem perfurar, devem ser trabalhados sempre com supervisão de um adulto, mas sempre podendo ser pensado uma alternativa de substituição.

A utilização de um vasilhame com água e um pedaço de tecido são essenciais.

O jornal também é um item muito importante no processo, além de proteger a superfície para não sujar pode ser de grande ajuda em alguns processos no qual a cerâmica necessita ser aberta assim evitando a mesma de grudar na superfície que estiver usando.



Pequenas pedras que possuam uma superfície lisa e uniforme, de preferência pedrinhas de rio, as quais são utilizadas para o polimento das peças.



Esponjas para polimento com textura ou acabamentos.



Rolo de massa, garrafas de vidro, e pedaços de cano PVC para abrir a cerâmica.



Colheres e facas para fazer polimento corte ou emendas, podem ser substituídos por palitos de picolé conforme a idade dos alunos.

Pequenas formas de biscoito facilitam o corte em formatos variados.



Canetas velhas, palito de dente ou qualquer palito de madeira ajudam no detalhamento e acabamento.

Trazer a possibilidade de reaproveitamento, de utilizar sucatas como ferramentas para criação de algo inusitado, desperta nos alunos a criatividade e o entusiasmo de ver o resultado de uma peça finalizada.



Técnicas

Existem variadas formas de trabalhar com a argila, mas pensando no contexto escolar iremos trazer o passo a passo apenas de técnicas básicas que serão de fácil manuseio e auxiliarão a transformar a argila em uma peça utilitária ou decorativa:

- Rolinho;
- Bloco (extrusão ou acréscimo de material);
- Placas (Molde, Molde vazado e Gravura).

Essas três técnicas básicas ajudarão a trabalhar com a argila em sala de aula e caso não tenha o forno de queima, há várias soluções para finalização do trabalho com os alunos, pensando na praticidade para o espaço de ensino aprendizagem sugerimos a pintura como a técnica mais prática a ser utilizada.

Secagem

A secagem da peça é a última etapa antes da queima ou do processo que for utilizar para finalizar. Esse processo dependerá muito da umidade do ar do

ambiente. Quanto mais úmido estiver, mais tempo irá demorar. Nesse processo, a peça perde toda a água que contém na massa da argila, assim alterando sua coloração, ficando sempre mais clara. É importante lembrar que a peça, após a secagem, como perde o volume de água em seu corpo, ela tende a diminuir suas dimensões.

Dica!

Caso tenha começado uma peça e deseje guardá-la e trabalhar em outro momento sem que ela seque, basta apenas a envolver em um saco plástico, de preferência com um pano molhado junto para manter a umidade. Se o saco não estiver aberto pode ficar guardado durante dias sem perder a elasticidade da cerâmica.

Atenção!

A argila, depois da secagem, pode ser reaproveitada e até mesmo devolvida à natureza, desde que não tenha recebido produtos químicos como aplicação de tinta. Nesse caso, não é aconselhável reaproveitar esse material.

Dicas

Quando formos trabalhar com a cerâmica temos sempre de estar atentos a temperatura da mão, pessoas que possuem as mãos quentes tem dificuldades em modelar pois essa temperatura das mãos resseca a argila com mais facilidade trincando as peças após seu contato. A dica é sempre trabalhar com um vasilhame de água e um paninho molhado para ir umidificando sua mão para diminuir a temperatura.

Outra dica muito importante e quanto ao excesso de água, a argila quando em contato com muita água ela perde seu ponto de modelagem assim se transformando em apenas lama e dificultando o trabalho. Então não ser que seja proposital trabalhar com a argila em estado mais líquido evitar coloca lá em contato com muita água.

Rolinho

Essa técnica, também conhecida em alguns lugares como cobrinha, é bastante utilizada para criação de utensílios. Sendo assim, criamos o passo a passo da criação de um pequeno utensílio para facilitar o aprendizado;



Além da argila iremos utilizar uma faca ou espátula, esponja, pano úmido e um vasilhame com água.



Vamos separar a argila em pedaços e em movimentos circulares com as mãos fazer bolas.



Continuando e utilizando apenas as mãos iremos enrolar as bolas até fazer rolinhos. A espessura que ficar os rolinhos será a espessura da peça que irá criar. Lembrando sempre de umidificar de leve as mãos na água para não trincar as peças com o calor das mãos.





Enrole os rolinhos para fazer a base da sua peça e vá subindo conforme for o formato escolhido.



Com a ajuda da faca ou espátula vá juntando os rolinhos passando de leve para não perder o formato que os colocou.





Em seguida com a esponja levemente umidificada em água a esfregue pela peça para deixá-la mais uniforme.

Caso queira uma textura mais lisa, pode utilizar pedrinhas ou objetos com a superfície lisa para dar o acabamento na peça, passando-as levemente quando estiverem quase secas, ou pode dar texturas diferentes com objetos variados.



Agora deixe-o secar em uma superfície reta em um local arejado.

Bloco (por extrusão ou acréscimo de Material)

Conseguimos explorar toda a elasticidade da cerâmica com essa técnica, assim possibilitando inúmeras formas de criação.

Essa técnica consiste em utilizar um pedaço de barro e com as mãos ir retirando ou acrescentando mais material conforme a necessidade para a formação da peça desejada, podendo utilizar algumas ferramentas para fazer detalhes.

Pensando na praticidade escolhemos uma peça para demonstrar o passo a passo, assim facilitando ideias:

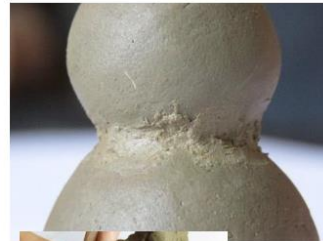


Faça três blocos em forma de bolinhas em tamanho crescente, uma maior uma média e uma pequena.



Dica

Para unir as peças pegue um pequeno pedaço de argila e molhe bastante para fazer uma laminha, que usaremos como uma cola. Essa laminha é bastante utilizada em peças maiores para não soltar as partes depois da peça seca.



Coloque a bola média sobre a maior e com a ajuda de uma faca ou espátula junte as duas peças com movimentos leves como é demonstrado na imagem.

Após unir as partes, já conseguimos visualizar um corpo, e, com os dedos, iremos dar beliscões na parte menor do corpo para formar o bico e a crista, nessa etapa as únicas ferramentas são nossos dedos.



Aperte a bola menor até ficar achatada como um disco, molhe o dedo e passe na região onde irá fixar o disco feito com a bolinha menor. Com o auxílio de um palito, faça risquinhos na parte molhada e pressione, com a faca ou espátula e cole uma parte na outra.



Utilizando palitos, canetas ou até mesmo agulhas vamos fazer os detalhes desenhando em nossa peça com qualquer objeto que consiga marcar a argila.



Assim finalizamos nossa peça. Agora aguardamos a secagem.

Placa

A placa é uma técnica base e seu resultado pode ser utilizado em várias outras técnicas conforme sua imaginação mandar. Vamos conferir o passo a passo.

Separe um pedaço de argila conforme o tamanho da placa que deseja criar.
Amasse o bem para retirar todo ar que possa ter em seu interior.



Coloque-o sobre uma superfície, de preferência coberta com um jornal, e, com o apoio de um rolo, cano ou garrafa vá abrindo em sentidos diferentes. Vire e repita o mesmo processo para que a argila não cole na superfície. Caso esteja com o jornal, fazer esse processo será mais fácil. Pode também substituir o jornal por um pano que não tenha textura ou sua placa ficara marcada, mas se esse for seu intuito, prossiga.

Com a ajuda de um palito fure as bolhas de ar que se formem na placa e passe o rolo novamente por cima para não ficar marcas.

Veja se a placa está com a mesma espessura em todos os lados e, se estiver do seu agrado, está pronta. Essa é uma técnica base para outras técnicas que serão ensinadas logo a seguir.



Molde com placas

Essa é uma técnica muito simples de ser utilizada e possibilita a criação de várias formas de objetos, necessitando da utilização das placas, a qual aprendemos a fazer na técnica anterior.

Para darmos início é preciso pensar em um objeto que queira usar de base. Pode ser um vasilhame, um copo ou até mesmo uma bola. No exemplo a seguir escolhemos um copo como base, pensando na facilidade do acesso a este objeto.



Para que a nossa placa de argila não grude no nosso molde, podemos utilizar uma meia ou um pedaço de tecido, assim facilitando retirar.

Após cobrir o molde, nesse caso, o copo, pegamos nossa placa de argila e colocamos por cima. Caso não fique correto, utilize as mãos para adequar a placa à forma do molde, tendo o cuidado para não colocar muita pressão. Se apertar muito a placa contra o molde, mesmo com o tecido, pode ser difícil retirar.





Devemos ficar atentos à placa e não a deixar secar. Caso a placa comece a secar, quando for colocada sobre o molde, ela irá rachar.

Caso a placa venha a rachar iremos utilizar um pouco de argila bem molhada para taparmos as rachaduras, a laminha mesma técnica ensinada anteriormente para colar uma peça à outra.



Uma esponja úmida pode auxiliar a dar uniformidade à textura da peça após os reparos.

Com uma faca ou espátula, retire os excessos nas laterais.





Antes de retirar a peça do molde recomendamos deixá-la pegar certa consistência, mas não a ponto de secar.



Com os dedos úmidos e uma esponja faça os acabamentos no interior, exterior e bordas da peça. Caso queira um acabamento em uma textura mais lisa pode usar as pedrinhas de rio para alisar a peça.



Você pode deixar secar sua peça ou utilizar objetos com ponta para fazer mais detalhes e desenhos.

Atenção!

As peças mais finas não devem ser deixadas a secar no vento ou ao sol pois podem trincar. O ambiente ideal é na sombra e em um ambiente com pouca umidade.

Molde vazado

Essa técnica já é muito conhecida e muito utilizada em várias cozinhas na época de Natal, em biscoitos decorados, mas podemos também utilizá-la na argila, a partir de placas ou peças que deseja vazar com formatos do objeto que utilizar. Pensando na utilização de uma placa, segue um exemplo:



Escolha a forma ou o objeto vazado com o formato preferido e pressione contra sua placa de argila que já deve estar preparada na espessura escolhida.



Com cuidado pressione seus dedos para retirar a argila da forma.



Antes de deixar secar você pode dar acabamentos na peça com desenhos e escritos.

Gravura

Existem imensas formas de realizar gravuras, mas essa gravura em específico, tem como base nossa placa de cerâmica.

A placa ainda será nossa base nessa técnica, mas, também podemos utilizar peças finalizadas em outras técnicas para ser a base, como peças que foram feitas na técnica de rolinho por exemplo, ou até mesmo o molde com placas.

Você pode utilizar várias formas de superfície com relevo para esta atividade (cordões, pedras, tecidos, carimbos, qualquer objeto) pois é no relevo que está o segredo.



Pensando na praticidade, escolhemos folhas de plantas. Você pode utilizar qualquer folha que possua uma resistência maior.



Coloque a folha sobre a placa de argila.





Coloque a folha sobre a placa de argila e com a ajuda de um rolinho deslize, pressionando com o mínimo de força para não deformar a placa.



Com cuidado pode ser retirado logo após a passar o rolo, utilizando um objeto de ponta fina ou a unha caso consiga tirar sem afetar o desenho que se forma.

Após retirar a folha, você pode dar alguns acabamentos na placa como escritos ou outros desenhos livres. Finalizando, deixe a peça repousando para secagem.

Dica

Caso tenha tempo disponível para um resultado melhor é aconselhável deixar a folha secar junto com a argila. Assim ela irá diminuir de tamanho, saindo sem muito esforço e só depois retirá-la, deixando assim um ar de surpresa no ar.



Substituindo a queima

A argila, sem o processo da queima, jamais terá a mesma resistência, mas, ensinaremos um processo, o qual irá possibilitar uma durabilidade maior da peça produzida. É importante alertar que mesmo após feito este processo a argila não terá resistência à água. Sendo assim, não é aconselhado manter a mesma em ambientes externos.



Queima em forno alternativo

Pintura na Cerâmica

Devemos dar início nessa técnica após a peça estar completamente seca, caso a cerâmica ainda esteja molhada, pode-se misturar com a tinta, assim alterando as cores.



A argila absorve muito bem, então vai dar bem com a aplicação de qualquer tinta, mas de preferência as que sejam à base d'água pois a secagem é mais rápida.

É importante cobrir toda a peça com uma camada de tinta branca para evitar a mistura da tinta com a cerâmica, assim não alterando cores e as deixando mais vivas.

Espere secar a tinta branca.





Agora já pode dar asas à criatividade, utilizando as cores que preferir.

Espera a tinta secar e a peça estará finalizada.



Dica

Você pode reforçar ainda mais sua peça utilizando verniz líquido para cobrir a pintura, ou até mesmo pintar toda a peça apenas com o verniz, assim mantendo a cor da argila mesmo com ela pintada.

Dicas

Levar técnicas práticas para o espaço de aprendizagem é um dos meios de despertar o interesse do estudante através da curiosidade sobre como funciona todo aquele processo de criação, além do encantamento devido a transformação física e química de um material simples e maleável como a argila em uma linda peça artística em cerâmica.

Utilizar a cerâmica como meio de mediação de conteúdos teóricos, através de uma roda de conversa enquanto introduz o conteúdo pode direcionar a criação de peças relacionadas com o tema do conteúdo, de preferência, deixando a liberdade de criação e assim não limitando os alunos a apenas um resultado conseguindo uma grande variedade de resultados além de ajudar na fixação do conteúdo aplicado.

Usar um ambiente externo para aplicação da atividade com a argila, retirando os alunos do ambiente fechado de sala de aula e possibilitando ampliar a criatividade.

Trabalhar com o desapego para unir a turma, com os alunos em roda direcione-os a iniciarem uma peça e em um momento troque suas peças. Assim, o próximo aluno dará continuidade na peça do colega. Ao final abra um momento de diálogo para conversarem sobre o resultado.

Um momento de relaxamento pode ser criado sem a finalidade de uma peça como resultado, mas apenas amassar a argila. Pode ser a solução para iniciar um trabalho mais pesado.

A argila nos provou ser um material que abre imensas possibilidades para ser trabalhada. Essas são apenas algumas dicas do que pode ser realizado em um ambiente de ensino aprendizagem.

Que possamos utilizar tudo que a terra nos oferece com sabedoria.
Boa diversão!



Agradecimentos

A toda a equipe de artesãos da Associação dos Artesãos de Goiás, a qual esteve presente em cada etapa de criação desse material, tanto na troca de saberes para construção dos textos, quanto na produção do acervo fotográfico. Muito obrigado por possibilitar a criação desse material, rico em saberes populares.

Bibliografia

BRASIL. Ministério do Turismo. **Artesanato Goyazes**. Brasília: Instituto Casa Brasil de Cultura, (Catálogo, s/d)

CONSELHO DA COMUNIDADE SOLIDÁRIA. **Cerâmica - a técnica por trás da arte**. São Paulo: Comunidade Solidária/ SEBRAE/ SUDENE. (Catálogo, s/d).

SENAC. DN. **Oficinas: Cerâmica** / Eliana Penido; Sílvia de Souza Costa. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 1999.

